



# O PAPEL DOS SENTIDOS NA PRÁTICA HOMEOPÁTICA ARISTOTÉLICO-TOMISTA

**Dr. Conrado Mariano Tarcitano Filho**

Este trabalho tem por objetivo, a partir do conceito de enfermidade e cura proposto por Masi Elizalde, mostrar o papel que os sentidos desempenham na expressão da enfermidade e de que maneira tornam-se elementos imprescindíveis para a compreensão do homem tornando possível uma prescrição médica homeopática. Este papel também será mostrado no acompanhamento realizado durante a evolução do tratamento homeopático através do desempenho dos sentidos, tornando possível uma avaliação de acordo com a proposta do mestre argentino.

Ao propor uma metodologia homeopática na qual está implícita a concepção de homem aristotélico-tomista, o Professor Masi Elizalde, como ele próprio diz em vários momentos de suas aulas, está unicamente sendo fiel às premissas hahnemannianas as quais, para ele, mostram de forma evidente esta concepção. Aliada a esta compreensão, o mestre, também mostra um entendimento de enfermidade e cura que corrobora tal concepção tornando-a definitiva, buscando nos textos hahnemannianos as evidências de tal proposta.

Nesses textos, o fundador da Homeopatia deixa clara a importância dos sentidos no entendimento do que seja enfermidade e cura como por exemplo quando nos diz que

“No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica,



---

nas suas sensações e funções [grifo nosso], de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor-se desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência”.

Hahnemann coloca nos altos fins da nossa existência o seu sentido máximo de cura porém para que tal ocorra é necessário uma atividade harmônica entre “sensações e funções” o que mostra os sentidos como parâmetro de avaliação e entendimento tanto da enfermidade quanto de cura na medida em que poderão permitir que o homem possa valer-se do espírito dotado de razão ou não para alcançar a cura. Os sentidos, para o fundador da homeopatia, expressam a enfermidade, sendo portanto a maneira pela qual o médico homeopata teria para compreender o paciente, fazer os diagnósticos homeopáticos e além disso acompanhar, a partir dos sentidos, a evolução deste paciente no caminho da cura ou não visto que, uma vez em harmonia, os sentidos, assim como as funções permitirão o correto uso da razão estabelecendo-se assim, o que para a Homeopatia é a cura.

O método elizaldeano é claro ao falar da gênese da enfermidade que se dá em decorrência da inveja do homem em relação a um determinado atributo divino em detrimento do seu correspondente humano. Surge assim, a Psora Primária que pode ser definida como uma ilusão da perda deste correspondente humano localizada na imaginação, fazendo com que esta se torne, por isso, de grande relevância na medida em que a expressão da enfermidade através do composto substancial se dará a partir dela, ou seja, desta ilusão emanaram sensações que expressas através da unidade formada por este composto substancial permitirão que possa ser observada, compreendida em sua totalidade individualizada e então poder-se-á fazer uma prescrição de acordo com a lei dos semelhantes. Na imaginação se formam imagens as quais serão expressão desta ilusão de perda primária. A imaginação é servida pelos sentidos externos e pelo sentido comum. Os



sentidos externos como sabemos, audição, olfato, paladar, tato e visão, recebem as informações que lhe correspondem do objeto sensível. O sentido interno as fragmenta, as reúne formando imagens que serão alocadas na imaginação. A consciência sensível dada pelos objetos é dada à imaginação que a guardará e segundo nos explica Masi Elizalde, “é guardado com uma valoração” ou seja, “isto é bom, isto é mau”. Esta explicação do mestre encontra respaldo no que Aristóteles nos explica sobre este tema quando nos diz que é desde o sensível que se formam as imagens, as quais são responsáveis pela formação do pensamento, por tornarem-se agora inteligíveis acrescentando que o sentir é sempre verdadeiro e o pensar pode ser falso. Enquanto Hahnemann evidencia que as sensações estão presentes no homem tanto na enfermidade quanto na cura, Aristóteles confere a eles um cunho de veracidade ressaltando que o pensar – que afinal leva a uma ação – pode ser falso. Para o homem aquilo que sente, ou seja, suas sensações são verdadeiras, pois é a sua forma pessoal, peculiar e característica de sentir e à partir daí desejar e agir o que poderá ser equivocado.

Masi Elizalde mostra que estas imagens possibilitam ao homem uma avaliação do que é bom ou mau e que um pensar e/ou uma ação equivocada expressam a enfermidade do homem e um dos fundamentos desta explicação da concepção aristotélico-tomista, encontramos no comentário que Tomás de Aquino faz a respeito do filósofo grego quando nos diz que: “as opiniões tem um efeito imediato sobre nossa natureza afetiva [grifo nosso], tão logo opinamos que algo nos é desagradável ou amedrontador, ficamos tristes ou temerosos e o contrário também, se algo é encorajador ou promissor, ficamos esperançosos ou felizes. Nossa natureza afetiva, não é impressionada pela imaginação, mas pelo que nos parece bom ou mau, útil ou não, e isto no homem vai formar um julgamento sobre o que é bom ou mau, temível, desejado e encorajador”.



A imaginação assume um papel de tal relevância por armazenar tais imagens que vão gerar emoções as quais permitirão o homem identificar os objetos sensíveis como bons ou nocivos, úteis ou não, temíveis ou não. Se Aristóteles fornece todo um processo de aquisição do conhecimento a partir da alma humana mostrando a função de cada uma de suas partes, São Tomás coloca a natureza afetiva humana na avaliação destes objetos. Entretanto os filósofos não vão adiante em suas descrições. Não há uma explicação sobre o que faz com que algo seja bom para uma pessoa e não seja boa para outra. O que algo pode ser temido por um e não por outro. Ou ainda, o que algo pode agradar a alguém de uma maneira e a outra pessoa de outra. Entretanto ao identificar algo como bom ou não, temível ou não, útil ou não, existe, sim, algo a priori que permite que este juízo de valores seja realizado, ou seja, existe algo que permitirá ao homem uma identificação com o objeto sensível que será então avaliado de acordo com a emoção gerada no homem.

Podemos compreender que há algo de peculiar nesta avaliação, ou seja algo que permite ao homem considerar um determinado objeto como bom ou mal, como temível ou não, ou seja, em uma outra instância, algo desejável ou não. Surge aqui um outro item: o desejo o qual será mostrado e debatido adiante. Essa questão da peculiaridade nos leva à um liame com o que Hahnemann chama de idiossincrasia a qual pode ser compreendida como algo que possibilita que algo adoeça uma pessoa e não aconteça o mesmo com outras. A questão da idiossincrasia surge então como, mais do que uma explicação para este estado a priori que faz com que algo possa ser considerado bom ou nocivo por distintas pessoas, mas uma justificativa para a questão primordial da proposta elizaldeana: a individualidade. A Psora Primária torna-se assim algo que vai além de uma explicação da origem da enfermidade humana mas nos traz aquilo que diferencia a proposta de Masi Elizalde: a Psora Primária.



Neste processo, surge o desejo que colocará o homem em movimento para buscar este objeto bom e desejável ou se afastar dele no caso de ser considerado nocivo. As emoções decorrentes do concupiscível e do irascível são as responsáveis por este movimento de desejo do homem. Este desejo necessita da imaginação, das imagens ali arquivadas para que o homem se coloque em marcha na vida, ou indo buscar aquilo que é bom ou fugindo do que lhe é nocivo. Não podemos perder a dimensão de que estamos falando do que é bom ou mal a nível estritamente individual, particular, peculiar. A Psora Primária, esta mancha que está localizada na imaginação permite toda a compreensão do que acontece e Masi Elizalde nos explica como esse processo ocorre dizendo-nos que Tudo o que eu adquiero do mundo exterior tem que passar por esse filtro: o filtro da imaginação: E aí temos a psora, ou seja, aí está a mancha. Se o elemento do mundo exterior não tem nada a ver do ponto de vista simbólico com a minha mancha particular, passa a ser considerado de forma objetiva pelo meu intelecto, desperta os movimentos de minha vontade e fica guardado na minha memória racional. Mas se o elemento exterior, do ponto de vista simbólico tem que passar não por aqui, que está livre, mas pela zona de minha imaginação, que contém a mancha da minha psora primária, eu ofereço ao intelecto uma imagem deformada da realidade. Então, não é a parte racional que está doente, mas ela recebendo dados equivocados.

Aquilo que é peculiar, característico, estranho, ou seja, aquilo que por definição hahnemanniana é homeopático, toma uma dimensão absoluta na compreensão elizaldeana tornando os sintomas homeopáticos de um indivíduo uma expressão daquilo que verdadeiramente o individualiza: A Psora Primária. O desejo tal qual aparece no concupiscível vai depender diretamente do que está contido na imaginação. A busca que o homem faz pelo que lhe é bom, útil, agradável, vai se dar de acordo com as emoções proporcionadas pelas imagens contidas na imaginação. Resumindo, não há



desejo sem imaginação. Esta conclusão do método elizaldeano está de acordo com o que nos diz Aristóteles sobre seu estudo sobre a alma humana quando nos diz que “os seres vivos são capazes de appetite, e também de movimento próprio, mas não são capazes de desejar sem fantasia e toda imaginação envolve tanto deliberação quanto sensação”.

Se a imagem formada estiver de acordo com a realidade a parte racional da alma humana permitirá uma ação correta entretanto, como está recebendo imagens as quais mostram uma desconformidade cuja medida é a emoção gerada no indivíduo, a alma racional estará atuando de maneira incorreta, porém não é ela que está alterada mas a imaginação que gera, com as imagens ali guardadas, sentimentos e sensações que estão em desacordo com a realidade. O homem faz um julgamento correto quando as informações fornecidas pela imaginação são corretas e um julgamento errado quando as informações são incorretas. A perda do equivalente humano do atributo invejado é imaginário. Esta sensação de perda é a responsável pelas informações equivocadas de tudo que tiver como referência a psora primária. Masi apresenta um argumento definitivo ao nos dizer que por ser imaginária, a psora primária é curável caso contrário não seria. Portanto, esta perda não é real, e nem se insere entre as perdas consideradas reais. Compreende-se assim a individualidade do ser a partir da compreensão do conceito de enfermidade elizaldeano, isto é, a partir do conceito de Psora Primária. É desta forma que poderemos prescrever e evoluir nossos pacientes segundo o método proposto por Masi Elizalde.

É a partir desta ilusão de perda de uma potência humana que o homem estabelecerá com a vida uma relação a qual será feita a partir dos sentidos. A psora primária estará presente em tudo que for expressão do paciente, em todos os seus sintomas. Masi Elizalde preconiza o dinamismo dos sintomas na busca da compreensão dos nossos pacientes e conseqüentes prescrições.



A presença estática de um ou alguns sintomas não permite que uma prescrição baseada na Psora Primária seja efetuada, sem queremos, com isto, tirar a importância desta técnica de prescrição que em alguns casos é necessária. Temos que buscar compreender no nosso paciente o que resume esta problemática existencial que estará presente nas questões religiosas, culturais e sociais que serão de máxima importância para a compreensão do homem e sua individualidade o que permite um flanco de possibilidades de compreensão do homem que nos leva a fazer uma ligação com várias áreas das ciências humanas. Podemos concluir que compreender o homem, nesta concepção, tanto na enfermidade, quanto no processo curativo, é ter nos sentidos através das sensações presentes no indivíduo, a fonte deste entendimento e a possibilidade de prescrever e acompanhá-lo nestas duas possibilidades de caminhos a serem trilhados pelo homem.

### ***Bibliografia***

ACTAS DEL INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS HOMEOPÁTICOS JAMES TYLER KENT. Buenos Aires: Albatros, 1984-1988. 8 v.

\_\_\_\_\_. Exposición de la Doctrina Médica Homeopática ú Organon del Arte de Curar. 4. ed. Madrid: Librería de Baillo Bailliere, 1844.

\_\_\_\_\_. Exposição da Doutrina Homeopática ou Organon da Arte de Curar. Trad. David Castro, Rezende Filho, Kamil Curi. 3. ed. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure", 2002.

\_\_\_\_\_. Organon de la Medicina. Trad. William Boericke. Buenos Aires: Albatros, 1989.

STUDIA HOMEOPÁTICA. Rio de Janeiro: IHJTK, v. 1, 1993.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: IHJTK, v. 2, 1995.



INSTITUTO DE HOMEOPATIA JAMES TYLER KENT, Masi Elizalde – Teoria e Prática. 1 v. Rio de Janeiro: Luz e Menescal, 2004.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Trad. Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2002.

\_\_\_\_\_. Nicomachean Ethics. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1999. (Loeb Classical Library).

\_\_\_\_\_. On the Soul. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. De l'âme. Traduction par Richard Bodeüs. Paris: Flammarion, 1993.

AQUINAS, St. T. Commentary on Aristotle's Nicomachean Ethics. Translated by C. I. Litzinger. Indiana: Dumb Ox Books, 1993.

\_\_\_\_\_. Commentary on Aristotle's De Anima. Translated by Kenelm Foster and Silvester Humphries. Indiana: Dumb Ox Books, 1993.